

## **OPÇÃO EVANGÉLICA PREFERENCIAL PELOS POBRES**

Reflexões a partir do documento de Aparecida  
(pe. Luis Mosconi – texto provisório)

**APRESENTAÇÃO:** Queridos(as) missionários(as) das SMP, eis aqui algumas reflexões sobre a opção evangélica preferencial pelos pobres, um assunto muito refletido anos atrás, hoje menos, mas, cremos, muito atual. Convidamos a ler, refletir, partilhar, aprofundar e tirar lições de vida. Além do estudo do Evangelho segundo Marcos, nós sugerimos que este texto acompanhe a caminhada missionária ao longo deste ano de 2009. A leitura pode ser feita pessoalmente ou em pequenos grupos. Bem devagar, uma leitura lida e relida, meditada e rezada. Após cada ponto, é bom parar, debater, atualizar. Repetir o estudo algumas vezes ao longo do ano.

A finalidade deste texto é fazer crescer cada vez mais, em qualidade e quantidade, entre nós, nas comunidades e nas SMP, a turma dos ‘felizes os pobres em espírito’, esperança para o mundo e para a Igreja no mundo.

Perguntas que podem ajudar, após cada ponto: O que estou achando deste ponto? O que mais me tocou? O que acrescentaria? O que está dizendo para mim/ para nós? É importante para o nosso tempo de hoje? Como vivenciar isso em nossa vida de missionários(as)? E em nossos trabalhos missionários? E em nossa comunidade? Que fazer concretamente?

No final encontrarão mais perguntas sobre o texto em geral. Aproveitem. Estamos pensando que este texto poderia ser um capítulo de um novo livro de formação missionária. Vejam bem: O livro básico é: Santas Missões Populares (uma espécie de volume I). O segundo é: Dar um sentido verdadeiro à vida (uma espécie de volume II). O terceiro poderia ser: A vida é uma missão (uma espécie de volume III). O que acham? Nós estamos convencidos de que o estudo meditado e rezado é fundamental para o nosso crescimento.

Mandem sugestões. Boa meditação, com a luz do Espírito Santo...

\*\*\*\*\*

### **1. Aparecida reafirmou a opção preferencial pelos pobres**

A opção pelos pobres sempre marcou a vida da Igreja nos seus momentos mais felizes e significativos. É uma opção que têm suas raízes na vontade da Trindade Santa, plenamente revelada na pessoa de Jesus de Nazaré. O Deus da Bíblia é Deus Transcendente e, ao mesmo tempo, Deus Encarnado na história da humanidade, ao lado dos pobres, dos oprimidos, apontando sempre caminhos de vida e de liberdade para todos. Os momentos mais escuros da vida da Igreja foram quando ela se esqueceu deste compromisso, dando mais importância a leis, normas e doutrinas. Mas sempre houve, ao longo da história da Igreja, pessoas e acontecimentos eclesiais que testemunharam com coragem essa opção.

Aparecida faz parte destes momentos felizes. Reafirmou, com surpreendente firmeza, a opção pelos pobres. Já o papa Bento XVI, no seu discurso de inauguração, havia afirmado: “A Igreja está convocada a ser ‘advogada da justiça e defensora dos pobres’” (Documento de Aparecida, número 395; de agora em diante o documento será citado com a abreviação: DA). A opção preferencial pelos pobres marca todo o documento de Aparecida. Alguns parágrafos a explicitam com grande clareza: “Reconhecemos o dom da vitalidade da Igreja que peregrina na América Latina e no Caribe, sua opção pelos pobres...” (DA 128). Ainda: “A opção preferencial pelos pobres é uma das peculiaridades que marca a fisionomia da Igreja latino-americana e caribenha” (DA 391).

Os bispos declararam solenemente: “Comprometemo-nos a trabalhar para que a nossa Igreja latino-americana e caribenha continue sendo, com maior afincamento, companheira de caminho de nossos irmãos mais pobres, inclusive até o martírio. Hoje nós queremos ratificar e potencializar a opção preferencial pelos pobres, feita nas Conferências anteriores” (DA 396). E insistem: “Assumindo com nova força essa opção pelos pobres, manifestamos que todo processo evangelizador envolve a promoção humana e a autêntica libertação, sem a qual não é possível uma ordem justa na sociedade” (DA 399). Na mensagem final da Conferência aparece de novo o compromisso: “Reafirmamos a nossa opção preferencial e evangélica pelos pobres” (ponto 4).

Aparecida lembra um detalhe importante. Ao falar da urgência da renovação das paróquias, cita a existência de ‘pobrezas escondidas’: “A paróquia não pode ser alheia aos grandes sofrimentos que a maioria de nossa gente vive e que com muita frequência são pobrezas escondidas” (DA 176). Quais são essas pobrezas escondidas? Só mesmo uma profunda ‘amizade com os pobres’ (DA 398) ajudará a descobri-las: são vexações sofridas, são indiferenças que marginalizam, invejas que desvalorizam, humilhações que massacram. São as exclusões, as faltas de ternura, de misericórdia, a pouca atenção às pessoas necessitadas, o abandono, o isolamento, a solidão forçada. Pensemos às mulheres dos setores pobres, marginalizadas, muitas vezes, no próprio interior das famílias: “Todas essas pequenas (ou grandes) misérias somente vêm para a superfície – quando vêm – depois de muito tempo de amizade, e até as pessoas pedem desculpa para falar delas. É necessário ir até aí” (Gustavo Gutierrez).

Não pode haver mais dúvida: a Igreja católica na América Latina não se entende sem esse compromisso preferencial pelos pobres. Faz parte do seu DNA; não é luxo, não é pra quem quer. Onde esse compromisso não é assumido, corre-se o perigo de trair a fidelidade ao mistério trinitário e, portanto, a própria identidade eclesial.

O desafio é fazer com que esse compromisso marque, cada vez mais, a vida e a prática da Igreja, sua organização interna, suas lideranças, sua presença no mundo. A opção pelos pobres deve mexer com todo o agir pastoral, deve ser um critério essencial para discernir e tomar decisões. É olhar para a missão da Igreja no mundo “desde os pobres”, a partir do lugar social dos pobres: “A chave para entender a fé cristã e a atuação da Igreja no mundo são os pobres” (Oscar Romero, homilia 17/02/1980). (1)

---

(1) Mons. Romero, arcebispo de San Salvador, capital de El Salvador (Centro América), foi assassinado em 24 de março, 1980. Em final de janeiro de 1980 esteve, pela última vez,

em Roma, de passagem para a Bélgica, onde a universidade de Lovaina conferiu-lhe o doutorado ‘honoris causa’ pela sua luta corajosa em favor dos pobres. Em Roma encontrou-se com o papa João Paulo II, que o acolheu, desta vez, de maneira bem mais solidária do que na anterior, maio 1979, quando Mons. Romero expôs a situação dramática do país e a feroz perseguição contra a sua arquidiocese. De volta ao país, nos primeiros dias de fevereiro, consciente da extrema gravidade violenta e opressora, intensificou os apelos à conversão, à paz, denunciando sem meias palavras as causas dos males.

As suas homilias, desde que tomou posse da arquidiocese, em 1977, transmitidas por rádio, tornaram-se cada vez mais o acontecimento dominical mais importante do país, algumas chegavam a durar até duas horas, sem causar nenhum cansaço, antes, interrompido, várias vezes, pelos aplausos dos fieis que lotavam a Catedral. Ele era tímido por natureza, – ele mesmo confessava isso, e pode-se constatar lendo o seu diário – mas quando, nas homilias, interpretava, como pastor, os trágicos acontecimentos do país à luz da palavra de Deus e do magistério da Igreja, ele se transformava, literalmente, num gigante da verdade. Exatamente como os profetas bíblicos (Is 6,1-10; Jr 1,4-8.17-19). Com coragem surpreendente, denunciava as tragédias do país, sem medo. Com a palavra de Deus no coração e com os olhos voltados para os pobres do país, envolvia os ouvintes de uma maneira extraordinária. Era um místico-profeta que falava, era a voz de Deus, a voz do povo, a voz da verdade, a voz dos sem voz. As pessoas vibravam, aplaudiam, porque ele expressava o que se passava no coração delas. As suas homilias, expressão de um pastoreio extraordinário, são uma referência insubstituível, um marco especial, um patrimônio precioso para a Igreja da América Latina. Não podem ser esquecidas.

Neste texto citamos algumas suas frases, especialmente da homilia do domingo 17 de fevereiro 1980, 37 dias antes de ser morto, na qual explicou e atualizou o sentido bíblico da opção pelos pobres.

---

## **2. Aparecida avançou: optar por Jesus é optar pelos pobres**

Mas há uma novidade muito importante em Aparecida. Partiu do papa Bento XVI em seu discurso inaugural, quando afirmou: “A opção preferencial pelos pobres está implícita na fé cristológica naquele Deus que se fez pobre por nós, para enriquecer-nos com sua pobreza” (citando 2Cor 8,9). A Conferência assumiu essa importante afirmação do papa, acrescentando: “Essa opção nasce de nossa fé em Jesus Cristo, o Deus feito homem, que se fez nosso irmão” (DA 392, citando Hb 2,11-12).

A conclusão é bem clara: a fé em Jesus é inseparável da opção pelos pobres. Não se pode optar por Jesus sem optar pelos pobres; não se entende a pessoa e a prática de Jesus sem conversão eficaz aos pobres. Somente os pobres ajudam a descobrir o verdadeiro rosto de Jesus Cristo e a mensagem do Evangelho. Para os cristãos, não se entende o resgate da dignidade dos pobres sem ter presente o estilo de vida de Jesus.

O compromisso com os pobres faz parte do seguimento a Jesus: “Tudo o que tenha relação com Cristo tem relação com os pobres, e tudo o que está relacionado com os pobres clama por Jesus Cristo” (DA 393). No mesmo parágrafo, Aparecida cita as palavras de Jesus, que sempre marcaram e fundamentaram a opção pelos pobres: “Tudo quanto vocês fizeram a um destes meus irmãos menores, o fizeram a mim” (Mt 25,40).

Para os cristãos (as), Jesus é o fundamento de tudo: “Tenham em vocês os mesmos sentimentos que havia em Jesus” (Fl 2,5). Mais do que ponto de referência, Jesus deve ser a chave de compreensão de todo o agir dos seus discípulos. O estilo de vida de Jesus deve orientar o estilo de vida dos seus seguidores (as). Daí a importância do estudo do Evangelho, onde servem as perguntas: como se relacionava Jesus com as pessoas, com as instituições da época? Como organizava seu tempo, suas andanças? Qual a sua postura, a sua prática, os seus ensinamentos? Quais os objetivos mais importantes da sua missão?

Somos cristãos não porque optamos pelos pobres, mas porque optamos por Jesus Cristo que lutou em favor dos pobres, se fez pobre e viveu pobre. Para os cristãos a opção pelos pobres não é, em primeiro lugar, uma opção sociopolítica, mas uma opção evangélica. É por uma questão de fé, de seguimento a Jesus. E isso radicaliza ainda mais a opção pelos pobres, opção que leva, necessariamente, a um decisivo compromisso sócio-político.

Para os cristãos, a opção pelos pobres não é “optativa”, para quem quer, é condição indispensável para ser discípulo e seguidor de Jesus de Nazaré, Senhor e Mestre. Opção “preferencial” não significa opção “optativa”. Aparecida esclarece: “Preferencial implica que deva atravessar todas as estruturas e as prioridades pastorais. A Igreja latino-americana é chamada a ser sacramento de amor, solidariedade e justiça entre nossos povos” (DA 396).

De vez em quando aparecem discussões sobre se é melhor partir dos pobres para chegar a Jesus ou se partir de Jesus para chegar aos pobres. Os dois caminhos são válidos, contanto que haja, ao longo do percurso, o encontro entre Jesus e o compromisso com os pobres. É muito importante partir da pessoa e da prática de Jesus. Tudo depende, porém, de ‘qual’ Jesus se fala, pois há muitas imagens distorcidas sobre Jesus, bem diferentes, e até opostas, do Jesus de Nazaré da Galiléia, assim como falam os evangelhos.

Como foi mesmo a opção de Jesus pelos pobres? Seguindo passo a passo a sua missão, assim como falam os evangelhos, percebe-se que Jesus optou pelos pobres assim: denunciou com vigor as causas das pobreza injustas; fez-se pobre, usou meios pobres; viveu uma existência pobre; proclamou felizes os pobres. Tudo isso faz parte da opção pelos pobres, não dá para descartar algum aspecto. É um processo muito importante, uma verdadeira escola de vida para quem quer ser pessoa verdadeira, hoje. A seguir alguns aprofundamentos sobre os vários aspectos.

### **3. Optar pelos pobres é denunciar as causas da miséria e da opressão.**

É importante verificar como Jesus viveu sua relação com os pobres. Antes de tudo, Jesus lutou contra as instituições, as pessoas, os mecanismos estruturais que exploravam, oprimiam e marginalizavam os pobres: “Ai de vocês, os ricos... Ai de vocês que agora têm fartura...” (Lc 6,24-25). Ainda: “Louco! Nesta mesma noite você vai ter que devolver sua

vida. As coisas que você acumulou, para quem vão ficar?” (Lc 12,20). Jesus desmascarou a estrutura iníqua do Templo: “Tirem isso daqui! Não transformem a casa de meu Pai num mercado” (Jo 2,16). Denunciou a maldade do Império Romano que havia feito do povo uma mercadoria. Reivindicou a dignidade das pessoas, feitas a semelhança de Deus: “Dêem a César o que é de César, e a Deus o que é de Deus” (Lc 20,25). Santo Agostinho, que viveu no quarto século depois de Jesus, e que conhecia bem a estrutura do Império Romano, chegou a defini-lo “uma grande empresa de roubo” (em latim: magnum latrocinium).

Jesus recuperou, atualizou e radicalizou a coragem e a verdade dos profetas de Deus do Antigo Testamento. Ele agiu e falou movido por um grande amor às pessoas. Jesus queria, para todas as pessoas, a realização plena do sentido verdadeiro da vida, e isso é possível somente rompendo com todo tipo de mal que oprime e explora.

Não se pode ser seguidor/ a de Jesus, compactuando, ao mesmo tempo, com a mentira, a corrupção, a exploração, a opressão: “Uma Igreja que não se compromete com os pobres, que não denuncia as causas da pobreza, as injustiças, não é a verdadeira Igreja de Jesus Cristo” (Mons. Oscar Romero, homilia 17/02/1980).

#### **4. Optar pelos pobres é ser solidário com os pobres.**

“Ao sair da barca, Jesus viu grande multidão. Teve compaixão deles, e curou os que estavam doentes” (Mt 14,14). Solidariedade, ternura, compaixão são atitudes permanentes na vida de Jesus. Também quando ele manifestava toda a sua indignação diante de situações injustas e absurdas, percebe-se, por trás, misericórdia e solidariedade com as pessoas mais desamparadas; nunca foi movido pelo ódio ou pela destruição dos outros. Ao contar a parábola do bom samaritano (Lc 10, 30-37), Jesus aponta o caminho da solidariedade para toda e qualquer pessoa: “Vá, e faça a mesma coisa” (Lc 10,37). Optar pelos pobres não é somente denunciar as injustiças, as desigualdades. Exige mais, pede solidariedade: “O cristão que não quer viver o compromisso de solidariedade com o pobre, não é digno de se chamar cristão” (Oscar Romero, homilia 17/02/1980). O papa Bento XVI lembrou isso no seu discurso inaugural, citando uma frase da sua primeira carta encíclica (Deus é amor): “Amor a Deus e amor ao próximo se fundem entre si: no mais humilde encontramos o próprio Jesus e em Jesus encontramos Deus” (discurso inaugural, 3).

A solidariedade com os pobres leva a experimentar a mesma situação dos pobres, sobretudo em regimes ditatoriais: “É por isso que a Igreja sofre o mesmo destino dos pobres: a perseguição. É uma glória para a nossa Igreja ter misturado o sangue de sacerdotes, de catequistas, de comunidades com os massacres do nosso povo” (Mons. Oscar Romero, homilia 17/02/1980).

Os bispos reunidos em Aparecida, diante dos perigos da globalização dominante, propõem uma globalização diferente: “Sentimos forte chamado para promover uma globalização diferente, que esteja marcada pela solidariedade, pela justiça e pelo respeito aos direitos humanos, fazendo da América Latina e do Caribe não só o Continente da esperança, mas também o Continente do amor” (DA 64). Mais adiante eles insistem: “De nossa fé em Cristo nasce também a solidariedade. Ela há de se manifestar em opções e gestos visíveis,

principalmente na defesa da vida e dos direitos dos mais vulneráveis e excluídos, e no permanente acompanhamento em seus esforços por serem sujeitos de mudança e de transformação de sua situação” (DA 394).

## **5. Optar pelos pobres é viver uma existência pobre**

Reparando bem, o que mais caracteriza a pessoa de Jesus não foi ter denunciado o mal que oprime e ter se solidarizado com os pobres. Típico de Jesus foi ter vivido uma existência pobre, como os pobres da sua época. Há pessoas que lutam em favor dos pobres, mas sem viver uma vida pobre. Jesus agiu de outra maneira; ele escolheu viver a sua existência humana à maneira dos pobres da sua época, desde o nascimento. A manjedoura não é nenhuma poesia romântica, era o lugar comum onde costumavam nascer as crianças dos casais pobres da Galiléia.

Antes de tornar pública a sua missão, Jesus viveu uma vida pobre, absolutamente comum aos pobres da Galiléia. Uma vida ‘insignificante’ aos olhos dos mesmos pobres: “De Nazaré pode sair coisa boa?”, respondeu Natanael ao amigo Filipe, encantado pelo encontro tido com Jesus de Nazaré (Jo 1,46).

Os mesmos moradores de Nazaré, por serem pobres, não confiavam em si mesmos: “Onde foi que Jesus arranjou tanta sabedoria? Ele não é o carpinteiro, o filho de Maria?” (Mc 6,2-3). Quando Jesus tornou pública a sua missão na sinagoga de Nazaré, os que estavam presentes tumultuaram o culto, dizendo: “Este não é o filho de José?” (Lc 4,22). Os chefes dos sacerdotes e os fariseus, em outra oportunidade, foram mais irônicos e fechados: “Vocês já viram um só dos nossos chefes ou fariseu que acreditasse nele? Esse povinho, que não conhece a Lei, é maldito”. E desprezaram Nicodemos, que os havia questionado: “Você também é galiléu? Estude e verá que da Galiléia não sai profeta” (Jo 7,48-52).

O Jesus de Nazaré que Paulo experimentou, viveu, e propôs às suas comunidades é o que aparece na sua carta aos filipenses: “Ele tinha a condição divina, mas não se apegou a sua igualdade com Deus. Pelo contrário, esvaziou-se a si mesmo, assumindo a condição de servo, e tornando-se semelhante aos homens. Assim, apresentando-se como simples homem, humilhou-se a si mesmo, tornando-se obediente até a morte, e morte de cruz!” (Fl 2,6-8).

Viver uma vida simples, sóbria, é o que deve caracterizar todo discípulo (a) de Jesus, sobretudo para os que exercem serviços de autoridade e de responsabilidade especial. É uma vida sem títulos, sem mordomias, sem consumismos, sem medalhões. É um estilo de vida que enche de alegria, de paz interior: “Considero tudo uma perda, diante do bem superior que é o conhecimento do meu Senhor Jesus Cristo” (Fl 3,8). E ‘conhecer’ para o povo da Bíblia significava experimentar, seguir os mesmos passos, nada de aprender fórmulas, só.

Multidões de pessoas, ao longo dos séculos, deram testemunho de vida pobre e sóbria, revelando o verdadeiro rosto da Igreja. Anotamos aqui somente dois exemplos. Antonio Chevrier era um jovem padre da diocese de Lyon, na França. Naquela região, e naquela época, fervilhava um grande desenvolvimento industrial, mas às custas de uma classe

trabalhadora explorada e oprimida. Na noite de Natal de 1856, contemplando o presépio, o pe. Chevrier tomou a decisão de viver uma existência pobre e de se dedicar totalmente à evangelização dos pobres. Ao redor dele surgiu uma associação de padres, chamada Prado, para a mesma finalidade. Esta associação continua viva, inclusive no Brasil.

Em outubro de 1886, o brilhante jovem francês, Carlos de Foucauld, converteu-se, para valer, ao seguimento de Jesus. Isso significou para ele optar por uma vida pobre radical, ao estilo de Jesus de Nazaré. Hoje um número grande de pessoas busca seguir seu exemplo.

Ao visitar a ‘casita’ onde viveu Mons. Oscar Romero, impressiona o ambiente simples, que testemunha a sua vida pobre, sóbria, desapegada, livre, frente às riquezas do mundo. A ‘casita’ era o anexo de um pequeno hospital, onde havia também uma capela. Era aí que Mons. Romero celebrava, quando não tinha outros compromissos. E foi nesta capela que ele foi assassinado, numa segunda feira, dia fixo da sua celebração na capela.

## **6. Optar pelos pobres é usar meios pobres.**

Jesus não para de surpreender. Não somente ele viveu uma vida pobre, ele usou também meios pobres, e não os meios do poder. As tentações que Jesus sofreu, não eram para afastá-lo da missão e, sim, para usar, na missão, os meios do poder: as soluções mágicas, os milagres a toda hora, a ambição, a ganância, as riquezas, a força das armas, o dinheiro, o prestígio, a popularidade fácil (Mt 4,1-11; Lc 4,1-13; Mc 1,35-38; Mt 26,52-54). Parece até que o demônio, ao oferecer os meios do poder, quisesse ‘dar uma mão’ a Jesus, para que fosse reconhecido como filho de Deus. Jesus venceu as tentações do poder, recusou o uso dos meios do poder, com decisão impressionante. E foram tentações que sofreu ao longo de toda a sua existência: “Tendo esgotado todas as formas de tentação, o diabo se afastou de Jesus, para voltar no tempo oportuno” (Lc 4,13).

Lendo os evangelhos, vendo as necessidades do povo da época, contemplando a prática de Jesus, dá vontade de perguntar: Por que Jesus não organizou obras sociais para amenizar as necessidades do povo? Por que não formou cooperativas entre os pescadores do mar da Galiléia? Porque não lançou audaciosos projetos, tipo ‘fome zero’, em favor dos famintos? Aliás, o povo já queria proclamá-lo líder absoluto deste projeto (cf Jo 6,14-15), mas Jesus não topou: “Se retirou sozinho, de novo, para a montanha” (Jo 6,15; importante anotar os detalhes: retirou-se,... sozinho..., de novo... para a montanha...).

Com muita probabilidade, Herodes teria ajudado Jesus na realização de projetos sociais, pois ele estava muito interessado em encontrá-lo (cf. Lc 9,9) e, quem sabe, introduzi-lo no seu restrito grupo de amigos. Afinal, Jesus havia se tornado um grande líder no meio do povo (Mt 14,34-36; Mc 2,12). O povo confiava nele, e todo poderoso, de todas as épocas, ambiciona ter líderes populares de prestígio, do seu lado. Jesus recusou o uso de meios poderosos, por quê?

É verdade que Jesus operou alguns milagres extraordinários, graças ao seu poder divino, mas esses não foram tantos. Os estudos bíblicos informam que a grande maioria dos ‘ditos’ milagres de Jesus foram acontecimentos normais, onde as pessoas, graças à presença fraterna e solidária de Jesus, adquiriam confiança em si mesmos, nos outros, fazendo coisas

que antes nem imaginavam poder realizar. Coisas que causavam admiração (este é o sentido da palavra ‘milagre’ que vem da antiga língua latina); esta admiração vale tanto para os fatos extraordinários como para os normais.

Jesus não se meteu em atividades sociais, não se substituiu à responsabilidade das pessoas: “Homem, quem foi que me encarregou de julgar ou dividir os bens entre vocês?” (Lc 12,14). Ele operou somente alguns ‘sinais’ extraordinários (curas, ressurreição), para revelar o amor preferencial de Deus pelos pobres, pelos mais necessitados; para devolver às pessoas a confiança nas próprias capacidades; para ajudar as pessoas a serem sujeitos históricos, criadores e transformadores. O que Jesus mais desejava e queria, ao realizar ‘sinais’, era que as pessoas agraciadas adquirissem coragem e confiança ao enfrentar os desafios da vida: “Levante-se, pegue a sua cama e vá para casa” (Mc 2,11).

Nunca Jesus operou ‘sinais’ para aumentar seu prestígio, para mostrar sua força, para dominar e controlar a consciência dos necessitados. Nunca foi atrás de aplausos, de palanques, de gritos, de salva de palmas, de “vivas”. Pelo contrário: “Tomem cuidado para que ninguém fique sabendo”, disse aos dois cegos curados (Mt 9,30). Em outro momento Jesus mandou logo embora um leproso curado, ameaçando-o severamente: “Não conte nada para ninguém!” (Mc 1,43-44). Quando ele via que as pessoas não estavam a fim de se tornarem sujeitos históricos, de assumirem seu papel transformador, aí ele se recusava a ‘fazer milagres’: “E Jesus não fez muitos milagres aí, por causa da falta de fé deles” (Mt 13,58; cf Mc 6,5-6).

Contemplemos Jesus de Nazaré ao longo das últimas e dramáticas horas de sua existência humana. Não foi nada fácil para Jesus, no momento mais crítico de sua existência terrena, no Getsêmani, ser fiel à vontade do Pai, renunciando aos meios do poder ou à fuga, que estavam ao seu alcance. Chegou até ‘suar sangue’ (Lc 22,44).

Podia se defender e partir para o ataque contra uma morte injusta e humilhante, mas não quis e nem fugiu. Aos seus seguidores que partiram para a violência, cortando a orelha de um funcionário do sumo sacerdote, Jesus foi firme: “Parem com isso. Guardem a espada na bainha. Pois todos os que usam a espada, pela espada morrerão. Ou vocês pensam que não poderia pedir socorro ao meu Pai? Ele me mandaria, logo, mais de doze legiões de anjos”. E Jesus, tocando a orelha do homem, o curou (Mt 26, 50-53; Mc 14,47; Lc 22,48-51; Jo 18,10-11. Sintetizados).

Jesus recusou, decididamente, o uso do poder, não colocou sua confiança nos meios poderosos (dinheiro, prestígio, força), por quê? Não fez isso por uma questão de renúncia, de ascese ou de desprezo, e, sim, por uma questão de eficácia. Sim, para Jesus os meios eficazes, capazes de gerar vida, comunhão e solidariedade, são os meios pobres, e não os meios do poder, aqueles que vêm de cima para baixo, para impor, para meter medo ou para abafar as potencialidades que estão dentro de cada pessoa. Somente os meios pobres, ao alcance do povo, são capazes de testemunhar e de provar que “um outro mundo é possível”.

O apóstolo Paulo, escrevendo às comunidades da região de Corinto, que estavam atravessando tensões internas difíceis, aponta o exemplo de Jesus: “Ele, embora fosse rico, se tornou pobre por causa de vocês, para com a sua pobreza enriquecer a vocês” (2Cor 8,9).

É a pobreza de Jesus que enriquece, que cura males, não são os meios poderosos. Sim, a pobreza é um grande valor.

Um dos acontecimentos mais significativos e mais emocionantes do Concílio Vaticano II foi o compromisso que 40 bispos assumiram no dia 16 de novembro de 1965, poucos dias antes do encerramento do Concílio. Reunidos na catacumba de Santa Domitila, periferia de Roma, cada um deles comprometeu-se a viver pobre, a rejeitar todos os símbolos e os privilégios do poder e a colocar os pobres no centro do seu ministério pastoral. Entre os signatários havia vários bispos brasileiros e latino-americanos. Mais tarde outros bispos assinaram o mesmo compromisso. O acontecimento passou a ser chamado de “Pacto das Catacumbas”. As catacumbas eram lugares subterrâneos, onde se reuniam clandestinamente cristãos dos primeiros três séculos e onde muitos foram martirizados pelo todo-poderoso Império Romano. Foi esse Pacto que inspirou e orientou a Conferência de Medellín (1968). E foi Medellín que deslanchou um extraordinário tempo profético e missionário na vida da Igreja Latino-americana.

Mons. Oscar Romero viveu intensamente o Pacto das Catacumbas, mesmo sem ter estado presente. Em suas homilias e em seu pastoreio ele manifestava toda a sua gratidão por viver numa Igreja pobre, usando meios pobres: “Agora a nossa Igreja não se apóia em nenhum poder, em nenhum dinheiro. Hoje a nossa Igreja é pobre. Sabe que os poderosos a recusam, porém, ela é amada pelos que põem em Deus sua confiança. Esta é a Igreja que eu quero. Uma Igreja que não conta com privilégios, uma Igreja cada vez mais desligada das coisas terrenas, para poder julgar com maior liberdade, na perspectiva do Evangelho, desde a sua pobreza” (Homilia 28/08/1977).

Há meios que são neutros em si, muito depende da finalidade do uso, como, por exemplo, uma emissora de rádio. Se ela está a serviço da dignidade, da verdade, da justiça, tudo bem. Os meios são como a estrutura ao serviço da orientação. O mais importante é a orientação; é essa que escolhe e dá sentido aos meios. Os meios são a concretização da orientação. Portanto, não pode haver oposição entre orientação e meios. Se, por exemplo, a orientação é construir uma sociedade mais justa e mais fraterna, os meios devem estar nessa mesma linha, não podemos usar meios corruptos ou violentos. É a orientação que deve dizer de quais meios precisamos. É por isso que os meios devem ser revistos continuamente: servem ou não servem à orientação? Estão ou não estão na linha da orientação?

## **7. “Felizes os pobres em espírito”**

Seguindo Jesus, as surpresas não param de acontecer. Não somente ele optou pelos pobres, não somente viveu uma existência pobre, não somente usou meios pobres; ele proclamou: “Felizes os pobres”. Para Jesus a felicidade está nos pobres, o que é isso? Ele não disse: “Felizes os pobres que conseguem sair da pobreza para se tornarem ricos”, porque? Como se explica? Não é essa a propaganda que a cultura do consumismo prega aos quatro ventos? Não é isso que a grande maioria dos pobres mais anseia? Não é esse o objetivo da economia de mercado? Não é esse o ideal da grande maioria das pessoas ao escolherem algum tipo de profissão na vida?

Nessas palavras de Jesus há algo em comum com todos os seres humanos. De fato, quem é que não quer ser feliz? O problema não é querer ou não querer ser feliz, isso todo mundo quer. A felicidade é o motor da vida. Se pensarmos bem, tudo o que fazemos é para alcançar nem que seja um pedaço de felicidade ou, ao menos, reduzir a infelicidade. A história da humanidade é uma longa caminhada rumo a felicidade. O problema é saber onde está o segredo da felicidade.

Uns identificam a felicidade com o possuir: “Quanto mais possuo, mais feliz serei”. Será que é isso? Por que, então, após um final de semana entre farras e prazeres, muitos amanhecem na segunda feira com rostos tristes, cansados e chatos? Por que após dias de férias, aos ‘mil e uma noite’, aparecem tantas pessoas desanimadas e azedas?

A pós-modernidade – esse tempo que estamos vivendo - é um tempo marcado por uma busca desenfreada de emoções: “Quanto mais emoções, no menor tempo possível, melhor”, assim muitos costumam dizer ou pensar. Drogas e prazeres egoístas fazem parte do giro das emoções. No entanto, essa é a época em que mais cresce o desencanto. A depressão atinge níveis altos em todas as categorias sociais e faixas etárias, inclusive adolescentes. Estatísticas dizem que cerca de 10% da humanidade sofre alguma espécie de depressão, quer dizer, mais de 600 milhões de pessoas. Ela já é considerada o mal do século XXI. Como se explica tanta contradição?

Então, a felicidade não depende, em primeiro lugar, de emoções prazerosas. Essas são importantes, têm valor, mas não são as coisas mais importantes, não podem ser absolutizadas. Acima das emoções está o sentido da vida, o rumo que damos à vida. Se as emoções vêm como consequência do sentido verdadeiro que damos à vida, são bem-vindas, mas não sempre isso acontece. O apóstolo Paulo escreveu desde a cadeia uma carta à comunidade cristã de Filipos dizendo: “Fiquem sempre alegres no Senhor! Repito: fiquem alegres!” (Fl 4,4). Como podia escrever isso, no porão frio de uma cadeia, com os pés acorrentados, passando fome e outras privações? Não era certamente por provar emoções prazerosas, e sim pelo sentido que estava dando àqueles sofrimentos.

No Evangelho de Lucas se diz simplesmente: “Felizes os pobres, porque o reino de Deus lhes pertence” (Lc 6,20). Quer dizer: felizes os pobres porque o Reino de Deus é com eles, é deles, é do lado deles e eles têm condição de fazê-lo acontecer nos caminhos da história. Os pobres são felizes, porque podem ser sujeitos históricos da grande tarefa da construção do Reino, e porque essa construção proporciona grande felicidade. Reino de Deus é o Reino da vida plena, da liberdade verdadeira, da mesa farta para todos, da dignidade, da comunhão feita de diferenças que enriquecem; é o reino do abraço e do perdão, onde só pode entrar gente humilde, gente sincera e transparente; onde Deus é acolhido e amado, como o Transcendente que não se deixa manipular e como o Libertador que nos faz sair de todo tipo de escravidão. Ao tornar pública a sua missão, Jesus usou as palavras do profeta Isaías: “O Espírito do Senhor está sobre mim, porque ele me consagrou com a unção, para anunciar a Boa Notícia aos pobres; enviou-me para proclamar a libertação aos presos e aos cegos a recuperação da vista; para libertar os oprimidos, e para proclamar o ano da graça do Senhor” (Lc 4,18-19).

No evangelho segundo Mateus há uma palavra a mais: “Felizes os pobres em espírito” (Mt 5,3). O que é isso? Indo à raiz bíblica da expressão, descobre-se que eles são os pobres (pobres mesmo), mas conduzidos pelo espírito de Deus (esta é a tradução mais fiel ao texto grego). ‘Espírito’ é mais do que o simples respiro físico, mais do que a alma; é um estilo de vida, uma força que faz agir de uma determinada maneira, conforme o projeto de vida escolhido. Há ‘espírito bom’ e ‘espírito ruim’, aqui é o espírito bom, é o espírito de Deus, o seu dinamismo, o seu estilo de vida. Pobre ‘em espírito’ é viver segundo o espírito de Deus.

O evangelho de Mateus insiste muito sobre o agir, o fazer, a prática (cerca de 80 vezes), mas insiste também sobre a importância de uma profunda espiritualidade, capaz de iluminar, orientar e sustentar a prática. ‘Pobre em espírito’ é o pobre possuído pelo espírito de Deus, é aquele que vive as outras bem-aventuranças que estão no texto de Mateus (Mt 5,3-12). Para saber o que é ser pobre em espírito, é só seguir a Jesus, pois ele foi o ‘pobre em espírito’ no grau máximo; deixou-se possuir pelo Espírito do Pai. O pobre ‘em espírito’ é aquele que procura ter em sua vida os mesmos sentimentos que havia em Jesus (Fl 2,5).

Jesus viveu uma existência humana plena, viveu igual a nós em tudo, menos no pecado (Hb 4,15). Foi uma pessoa perfeita, deu um sentido verdadeiro à vida. Nele, a covardia, a mentira, os outros males, não tiveram vez; viveu a fidelidade à missão na insegurança do dia a dia: “As raposas têm tocas e os pássaros têm ninhos; mas o filho do homem não tem onde repousar a cabeça” (Lc 9,58). Se Jesus tivesse fundado obras sociais, sem apontar à beleza e à urgência do estilo de vida dos ‘pobres em espírito’, provavelmente teria passado na história como uma pessoa generosa, mas só isso. Não teria revolucionado os caminhos da história.

Jesus propõe como modelo de perfeição, de autêntica existência humana, uma existência pobre, partilhada: “Se você quer ser perfeito, vá, venda tudo o que tem, dê o dinheiro aos pobres, e você terá um tesouro no céu. Depois, venha, e siga-me”, disse Jesus ao jovem rico, que não teve a coragem de dar o passo, e foi embora cheio de tristeza (Mt 19,21-22).

Portanto, vida verdadeira, vida ‘perfeita’ é uma vida simples e sóbria, partilhada e aberta, humilde e transparente, doada e corajosa. É uma vida consagrada à causa da vida, da verdade, da ética, da justiça, da solidariedade. É a mesma causa de Jesus. É ternura e profecia, é testemunho e denúncia. Vida consumista e banal, aquela que corre atrás de emoções a qualquer custo, é a negação do sentido verdadeiro da vida; é desperdício, é negar-se como pessoa. Somente do meio dos ‘pobres em espírito’ podem surgir verdadeiros profetas, pastores, conselheiros e testemunhas de uma humanidade reconciliada. Os profetas bíblicos nunca participaram dos conchavos ambíguos dos corruptos e dos exploradores.

O caminho da perfeição não é, em primeiro lugar, fundar obras sociais em favor dos pobres, é muito mais. É ser pobre em espírito, é viver uma existência humana ao estilo de Jesus, é viver os valores profundamente humanos, típicos do mundo dos pobres. São valores que estão ao alcance de todos, em quanto que criar obras sociais, fundar um colégio ou um hospital, somente poucos conseguem fazer.

## 8. A riqueza que vem dos pobres

É preciso rever nossa maneira de olhar aos pobres. Uma primeira maneira é olhar à eles do ponto de vista sociológico, quer dizer, a partir de como está organizada a sociedade. Neste sentido, o pobre é um carente, um que lhe falta algo que os outros têm e que ele não tem. Esta carência quase sempre é fruto de relações injustas, corruptas; é fruto de desigualdades, de divisões sociais, de insensibilidade, de falta de ética, de especulações financeiras insensatas e insensíveis, de estruturas injustas e desumanas. São males que é preciso desmascarar e denunciar com clareza e firmeza, sem meias palavras, como fez Jesus (Lc 6,20-26; 16,19-31). Mons. Romero dizia: “A carência dos bens necessários é um mal, fruto da injustiça e contrária à vontade de Deus” (Mons. Oscar Romero, homilia 17/02/1980). Às vezes, pode ser fruto também da falta de iniciativa própria.

Mas há equívocos que é preciso desfazer. Com frequência se ouve que “a pobreza é uma desgraça”, que “a pobreza é uma maldição e a riqueza uma bênção”. Um pobre que não consegue subir a escada da riqueza, do prestígio, costuma ser tachado de preguiçoso, de incapaz, de desleixado, de ‘coitado’, de miserável, de alguém que não soube aproveitar da vida. Enfim, um falido na vida. Mas, será que o pobre é somente um carente, que tem nada para dar? Não se define uma pessoa pelo que não tem, que não é, e sim pelo que é.

É preciso olhar ao pobre também de outra maneira, do ponto de vista antropológico, quer dizer, da sua maneira de existir, de viver; da sua condição de pobre. Neste sentido o pobre não é somente um carente, é muito mais. É, antes de tudo, um portador de grandes valores humanos. Quais são? É só conviver e contemplar o mundo dos pobres, para descobrir seus valores. A seguir, algumas ‘riquezas’ do mundo dos pobres:

a) **Partilha.** Há pobres que sabem partilhar não somente a sobra, mas também o que é necessário para eles. Certa vez, uma senhora idosa ia pedindo esmola na rua. A uma pessoa, que no momento não podia dar, ela lhe perguntou se já havia almoçado (eram quase duas horas da tarde). Diante da resposta negativa, imediatamente ela pegou um lenço na sua sacola, no qual guardava umas moedas, tirou e deu dois reais, dizendo: “Isto é para seu almoço, eu vou seguir adiante pedindo esmola”. E desapareceu, deixando a pessoa toda confusa pelo gesto extremamente significativo. Exatamente como a viúva pobre que deu uma esmola ao Templo, tirando-a do que lhe era necessário, e tão valorizada por Jesus (Lc 21, 1-4). Os pobres sabem partilhar com todo mundo, especialmente com os que mais padecem.

b) **Gratuidade.** É dar com amor e por amor, sem exigir retorno, sem visar a interesses, bem como Jesus falou: “Quando você der uma festa, convide os pobres, aleijados, mancos e cegos. Então você será feliz, porque eles não lhe podem retribuir” (Lc 14, 13-14). Assim vivem muitos pobres. O pobre geralmente oferece o que tem de melhor, mesmo que seja coisa pequena, porque para ele a pessoa é mais importante que as coisas e merece o melhor. Qualquer um pode ser amigo dos pobres, contanto que dê mais importância às pessoas que aos bens materiais.

c) **Festa.** É festejar as pessoas porque elas são mais importantes que os bens materiais. É colocar os bens materiais a serviço das pessoas. Os pobres, mesmo em situações difíceis,

revelam energias festivas impressionantes. Às vezes, gastam até mais do que podem, porque para eles as pessoas estão em primeiro lugar.

d) **Abertura aos outros.** Os outros não são estranhos, eles passam a fazer parte da vida dos pobres, sem preconceitos. Os outros, mesmo sem seres conhecidos, são bem-vindos na casa dos pobres, se sentem à vontade. Os pobres, por exemplo, hospedam pessoas com o maior carinho.

e) **Abertura ao ‘Outro’ (Deus).** Por serem acolhedores e viverem desapegados dos bens, os pobres vivem, com maior intensidade, a presença de Deus. A experiência religiosa é algo natural, normal, na vida dos pobres. Deus, para os pobres, é o sentido último e definitivo da vida. O pobre não está a fim de debates religiosos, ele vive a presença de Deus, sem preconceitos e sem complicações. Deus, o Transcendente, está aí, lado a lado, caminhando com seu povo. Os pobres vivem o tempo aberto ao eterno e o eterno no tempo.

f) **Realismo.** O pobre coloca a vida acima das idéias, parte da realidade e não das leis ou das verdades. É uma pessoa concreta, sem rodeios, realista. Para os pobres a vida é mais importante de que tudo.

g) **Luta por um mundo mais justo e mais fraterno.** O pobre não pensa somente em si. Junta sua dor e seus anseios às dores e anseios dos outros. Não quer ser feliz sozinho, quer justiça e liberdade para todos. Ele quer ajudar também os outros.

h) **Firmeza, perseverança, teimosia.** Os pobres, sobretudo as mulheres pobres, sabem agüentar situações difíceis, quase impossíveis, sem cair no desespero. O que consideramos resignação, passividade, muitas vezes é a única saída possível em momentos difíceis. É resistir na marra, esperando tempos melhores.

i) **Compaixão e ternura.** O pobre não se fecha em si, ele enxerga quem vive em situação igual ou pior, enche-se de ternura solidária. Faz o que pode para ajudar.

l) **Humildade e docilidade interior.** Os pobres em espírito não são auto-suficientes, arrogantes, exigentes. São humildes, atenciosos, abertos, desarmados, transparentes. Não gostam de gritaria, nem fazem questão de aparecer, de ser o primeiro da fila. Usam gestos e palavras carinhosos, suaves, que mexem com o coração das pessoas. Eles encantam, surpreendem, atraem.

m) **Convivência com a natureza.** Os pobres, sobretudo os camponeses, mantêm um relacionamento de convivência saudável com a natureza. Ela faz parte do mundo dos pobres, é a casa deles. Lembro-me uma cena inesquecível. Seguindo alguns camponeses indígenas da Guatemala ao trabalho da roça, antes deles usarem a enxada para mexer a terra, com profundo respeito tocaram a terra, pedindo perdão e licença. De fato, remover a terra com a enxada significava, para eles, ferir a terra. E no final do trabalho, antes de colher algumas espigas de milho, agradeciam à mãe terra e pediam licença. Em outra ocasião eu vi camponeses indígenas da Guatemala chorarem de dor ao olhar uma fatia de mata queimada, por obra do exército para desalojar um grupo de guerrilheiros. Os pobres são ecológicos de fato, por natureza.

**n) Esperança.** Os pobres sabem abrir caminhos novos em meio a situações difíceis. Eles sempre encontram alguma saída para evitar o desespero. A última palavra do pobre é sempre de esperança.

Eis aí alguns valores do mundo dos pobres. Há outros? Mas não são somente valores no meio dos pobres. Há também contra-valores, como: desânimo, desistência, acomodação, submissão, falta de confiança em si e nos outros pobres, exagero nas festas, resignação, adulação, fatalismo, superstições, imediatismo, falta de planejamento a curto, médio e longo prazo. O desafio é fortalecer os valores e eliminar os contra-valores. É importante distinguir os valores dos contra-valores para não destruir os primeiros ao eliminar os segundos.

### **9. Somente com ‘pobres em espírito’ outro mundo é possível**

No ano 2.000 uma importante revista norte-americana fez uma grande pesquisa entre seus leitores de vários países e de várias crenças, para escolher ‘a pessoa que mais marcou o segundo milênio’. O escolhido foi São Francisco de Assis. Porque? Ele não fundou grandes obras sociais, não foi um cientista, não foi um general militar experto e vitorioso, não escreveu livros. De rico que ele era, se fez pobre, viveu uma vida pobre, usou meios pobres, e nesse estilo de vida pobre ele soube encarnar valores profundamente humanos, que dignificam a natureza humana, como: a solidariedade, a ‘perfeita alegria’, a gratuidade, o resgate da dignidade das pessoas, a reconciliação com a natureza, a bondade, a humildade, a pureza transparente, a busca do último lugar na escada social, a presença serena e contagiante de Deus, do Transcendente.

Para Francisco de Assis tudo era ‘irmão’, ‘irmã’: as pessoas, a pobreza (irmã pobreza), a lua, o sol, os animais (irmão lobo), a natureza, até a morte (‘irmã’ morte). Até os ‘ditos’ inimigos eram para ele irmãos e irmãs. Francisco de Assis sabia integrar tudo, não havia excluído para ele. É o símbolo da reconciliação universal, de uma autêntica existência humana. Ele é querido em todas as religiões que favorecem a vivência dos valores humanos. Sua vida continua sendo um grande presente para toda a humanidade.

E no Brasil? Quem foi a pessoa que mais honrou o Brasil no século XX? Varias pesquisas realizadas entre 1999-2000 indicaram dom Helder Câmara, então arcebispo emérito de Olinda e Recife, falecido em 1999. Ele foi um autêntico ‘pobre em espírito’, uma pessoa extraordinariamente livre, um lutador desarmado, uma referência inabalável para milhões de brasileiros e brasileiras que lutaram pela democratização do poder, do ter e do ser no país no tempo da ditadura. Foi o brasileiro mais conhecido e mais querido pelo mundo afora, durante a segunda metade do século passado. Mais de uma vez foi indicado para o prêmio Nobel da Paz (nos anos 1970-1974, a época mais sofrida da ditadura), mas os generais militares brasileiros da época sempre conseguiram impedir. As rádios, televisões e jornais do mundo inteiro o disputavam. Sempre de batina, com manto, barrete e boné com protetor de orelhas sobre a cabeça, quando viajava nos países com clima frio, sua silhueta era inconfundível nos aeroportos, nos auditórios repletos e nas Igrejas.

Os pobres com espírito de pobre lutam contra situações injustas, mas não querem um mundo feito de vencedores e vencidos, eles querem um mundo de reconciliados, de irmanados, onde todos saem ganhando. Para entender melhor, serve um fato que aconteceu durante o Concílio Vaticano II (1962-1965). Com o passar das sessões conciliares, o documento de preparação foi totalmente mudado e substituído por novos textos, conforme o espírito do Concílio. Os autores do documento antigo sofreram bastante por causa disso, sentiam-se derrotados. Então se formou um grupo de bispos e de outros convidados para acompanhar mais de perto, com coração fraterno, o drama dos bispos que se achavam ‘derrotados’. Foi uma convivência extraordinária, o lema deles era: no Concílio não deve haver nem vencidos, nem vencedores, mas todos conduzidos pelo Espírito de Deus. O bispo que mais animava este grupo era dom Helder Câmara.

O cristão ‘pobre em espírito’ é aquele que vive a vida, o dia a dia e as grandes opções, segundo o Espírito de Jesus, ao estilo de Jesus (Rm 8,1-14; Gl 5,13-26). E é esse estilo de vida que transforma o mundo: “A pobreza das bem-aventuranças é a força que gera a verdadeira libertação do povo” (Oscar Romero, homilia 17/02/1980). A irmã Dorothy Stang, missionária na Amazônia, corajosa defensora dos direitos dos lavradores pobres e da floresta, foi barrada, na manhã do dia 12 fevereiro, 2005, por dois pistoleiros a mando de alguns gananciosos que queriam se apossar das terras da região. Ela ia num caminho da mata, rumo a uma barraca, para preparar a reunião entre posseiros. Ao ser provocada por um pistoleiro, que lhe havia pedido se tinha armas, ela respondeu que sim. Tirou imediatamente da sacola a Bíblia, abriu-a e ela leu, para os dois, algumas bem-aventuranças de Jesus, escolhidas a dedo: “Felizes os pobres em espírito... Felizes os que têm fome e sede de justiça... Felizes os que promovem a paz... Felizes os que são perseguidos por causa da justiça...”. Fez algum comentário, depois, com rosto sereno e transparente, disse aos dois: “Deus abençoe vocês, meus filhos”. E seguiu o caminho. Ao grito de um pistoleiro, virou para trás, viu a arma apontada contra ela. Então ela ergueu a mão, ainda segurando a Bíblia. A primeira bala atravessou a mão, antes de se alojar no abdome. As outras cinco atingiram a cabeça e outras partes do corpo. Aquelas bem-aventuranças de Jesus foram o testamento da Dorothy, mulher pobre em espírito, cheia do espírito de Deus, libertadora do seu povo querido.

Os pobres em espírito não carregam ódio e nem vingança. Como Jesus, eles sabem ser firmes e decididos na defesa da vida e, ao mesmo tempo, usam atitudes e linguagem de abertura, de confiança. Mons. Romero, numa homilia, após denunciar com extrema clareza as violências cometidas pelo exército, dirigiu-se aos soldados da base, suplicando: “Irmãos soldados, vocês fazem parte do nosso povo, vocês estão matando a seus irmãos camponeses. Diante de uma ordem de matar, vocês devem obedecer à lei de Deus, que diz: não matarás. Ninguém é obrigado a obedecer a uma lei imoral; obedçam às suas consciências e não à ordem do pecado. Em nome de Deus, em nome deste povo sofrido, eu vos suplico, vos peço, vos ordeno em nome de Deus: basta de repressão, basta de violência!” (homilia 23/03/1980). Foi a sua última homilia; no dia seguinte a repressão violenta caiu, covardemente, em cima dele, matando-o, enquanto estava celebrando a Missa.

Fazer crescer a turma dos “pobres em espírito” é o grande anseio e, ao mesmo tempo, o grande desafio. Deve ser a orientação principal. Os meios servem se ajudam nessa tarefa, se

estão na linha da orientação. Há obras sociais que podem não servir ao crescimento, em qualidade e quantidade, dos pobres em espírito; pelo contrário, podem até dificultar. Não podem ser aceitos.

## **10. E as pessoas ricas?**

Os valores lembrados acima podem estar presentes também no mundo dos ricos, há belos testemunhos. Mas seu lugar mais comum é o mundo dos pobres. Os pobres não querem a eliminação física ou moral dos ricos, não é da natureza deles excluir, eles sabem acolher também os ricos, contanto que estes dêem mais atenção à dignidade e às necessidades das pessoas do que aos bens. Desejam que os ricos se juntem a eles na luta por um mundo mais justo e mais fraterno. Os pobres sabem valorizar os esforços dos ricos, com grande paciência e esperança.

Também o mundo dos ricos tem seus valores, como: organização, eficiência, competência, organização, ordem, tecnologia. Porém são valores que podem excluir e dominar, caso não estejam a serviço de um mundo mais justo e mais fraterno. Não se trata de recusar esses valores, e, sim, de colocá-los a serviço do mundo dos pobres. A tecnologia, por exemplo, é um valor precioso quando está a serviço dos pobres, acima do lucro.

A conversão das pessoas ricas passa pela conversão aos valores típicos do mundo dos pobres. É um processo geralmente lento e gradativo, é importante deixar a graça de Deus trabalhar, dando passos certos na hora certa, com coragem e confiança.

## **11. A pior desgraça: o sumiço dos pobres em espírito**

Os ‘pobres em espírito’ são a grande riqueza de uma sociedade, dos povos. Com eles há futuro, outro mundo, bem melhor, é possível. A pior desgraça é a falta de ‘pobres em espírito’. Vimos acima que a idolatria da acumulação, da ambição, da ganância, impede uma verdadeira existência humana, alimenta uma concorrência desleal e cruel, violenta e sanguinária. Fere a natureza, empobrece a humanidade. Por causa disso, o planeta Terra, casa de todos, sofre, chora: “A terra tem o suficiente para o sustento de todos, mas não tem bastante para a ganância de uns poucos”, dizia Gandhi, pai da Índia livre e soberana.

A idolatria consumista está tomando conta cada vez mais da humanidade, também do mundo dos pobres, destruindo valores e estilos de vida autênticos. É uma constatação amarga: porque tantos pobres acabam assumindo uma mentalidade egoísta e interesseira? Porque tantos que entraram na luta pela justiça, que participaram de organizações populares, acabaram se perdendo em corrupções e traições? Porque tantos movimentos populares viraram burocracia cansada, dispendiosa, insensível e indiferente?

Entristece ver pessoas com culturas tão ricas de valores humanos, como a cultura indígena, a cultura afro, a cultura camponesa, cair na idolatria do consumismo, da concorrência cruel e desleal, da ganância e ambição. Entristece constatar tanta violência e vícios também no mundo dos pobres. É verdade que o sistema maltrata e pisa no mundo dos pobres, mas isso não pode ser motivo de responder à violência com a violência. Assim nos ensina Jesus de Nazaré.

A sensação é de ver cada vez mais pobres possuídos pelo espírito da ganância, da ambição, da violência; e cada vez menos pobres com espírito de pobre. Muitos pobres deixaram de ser pobres ‘em espírito’, provocando enormes prejuízos à convivência da humanidade e à saúde do Planeta. Quando um pobre necessitado só fica pedindo, pedindo, sem nada a partilhar, nem que seja um pequeno gesto, deixa de ser ‘pobre em espírito’, já está contaminado pelo vírus da ganância.

Há uma passagem no evangelho segundo Mateus que ajuda a entender o que estamos falando (Mt 22,1-14). Jesus está em Jerusalém, sabe da rejeição das elites da época, não recua, pelo contrário, através de parábolas, desmascara a maldade. A um certo momento, falou do Reino do Céu, comparando-o a uma festa de casamento do filho de um rei. Casamento é sinal de festa, de alegria, de comida farta para todos. A referência é clara: o rei é o Senhor, o filho é Jesus, o casamento é uma aliança cheia de vida e de dignidade para todos, que Deus quer realizar na história, é uma nova sociedade, baseada na justiça do Reino. Os empregados do rei são os mensageiros, sobretudo os profetas que Deus enviou ao longo da história para desmascarar males e para convidar à conversão. Os primeiros a serem convidados foram lideranças do povo, que recusaram, pois não quiseram mudar de vida; não quiseram abraçar a justiça do Reino. O convite, então, foi dirigido aos excluídos e marginalizados, maus e bons. A sala ficou cheia. Quando o rei foi cumprimentar os convidados, viu que um não estava usando o ‘traje de festa’. O que é esse traje de festa? É a prática da justiça do Reino; é o traje dos ‘pobres em espírito’. O recado é claro: os empobrecidos também devem acolher e viver a justiça do Reino, bem diferente da justiça legalista e hipócrita dos doutores da Lei (Mt 5,20). Quem não tem esse ‘traje de festa’, quem não pratica a justiça do Reino, vai cair fora da festa. Traje de festa representa, aqui, os pobres em espírito, os que vestem e vivem os valores do Reino, a justiça de Deus. Portanto, quem vai participar da festa de Deus, não é o pobre só porque pobre, mas o ‘pobre em espírito’, que busca viver os valores do Reino. Esse traje de festa está bem presente nos pobres empobrecidos cheios do espírito da justiça e dos valores dos pobres. Não estava e não está, de maneira nenhuma, no meio dos chefes corruptos do povo, no meio dos doutores da lei e dos fariseus, apesar de dedicar horas e horas ao estudo da lei de Deus.

O sumiço dos pobres ‘em espírito’ é a desgraça das desgraças, a grande tragédia da humanidade de hoje. Deste jeito fica difícil sonhar, planejar e lutar por ‘outro mundo possível’. Lembro-me de um telefonema da irmã Dorothy, uns quatro meses antes de ser assassinada. Ela dizia: “Estamos carregando um sonho bonito nessas bandas da Amazônia. Queremos assentar dezenas de famílias em seu pedaço de chão, em plena convivência com a floresta e a mãe terra. Mas este sonho, para virar realidade e varar anos, precisa de um povo com espírito pobre. Todos nós estamos precisando disso”. E pedia presença para ajudar numa semana de espiritualidade, na mata, com todas as famílias envolvidas.

No início da década de 1940, do século passado, um grande pensador humano e cristão, Emanuel Mounier, dizia: “O pior do sistema capitalista não é o fato de que leva os pobres à morte de fome, e sim de que roubou aos pobres a sua dignidade e identidade de pobre” (ver seu escrito: O compromisso cristão).

A destruição dos pobres em espírito é um prejuízo enorme para o bem da humanidade. Mons. Oscar Romero dirigindo-se às organizações populares do seu país, lhes pedia: “Se realmente amamos o povo e queremos defendê-lo, não lhes tiremos o que possuem de mais valioso: a fé em Deus, o amor a Jesus Cristo, os sentimentos cristãos” (Homilia 10/02/1980).

## **12. Luzes e chamados**

E agora? Andemos pelos bairros, nos centros, nas periferias das cidades, olhando e pensando no que vimos acima. Caminhemos pelas roças e matas, contemplemos a natureza, muitas vezes humilhada e ferida. Observemos as pessoas, a organização da sociedade, a vida das comunidades, as várias Igrejas. Que dizer? Que fazer? Alguns chamados? Alguns apelos?

É para se conformar a um mundo injusto e egoísta? É para acabar com as obras sociais, com as iniciativas da Caritas? É para deixar as coisas andar como andam? É encolher os remos do barco que carrega a bandeira da ética, da cidadania para todos?

Nada disso. Não se trata de abandonar as obras sociais, mas estas não são as coisas mais importantes; e nem vão resolver os problemas da humanidade. O mais importante é fazer crescer a turma dos pobres em espírito, pois esta é a verdadeira riqueza, a saída para tempos melhores. Somente as obras sociais que nascem de pobres em espírito têm sentido e valor, ajudam a transformar o mundo, as pessoas. Obras sociais que não brotam de pobres em espírito caem, quase sempre, na tentação do poder, do lucro ambíguo, da corrupção, da ganância, da ambição, da concorrência desleal e cruel. Os mesmos processos ditos ‘revolucionários’ sem pobres em espírito não agüentam, corrompem-se, burocratizam-se. Não há revolucionários autênticos sem ser pobre em espírito. A história está cheia de fatos que comprovam.

Trata-se de lutar contra os males do mundo, mas com coração de pobre. A humanidade do mundo inteiro está passando por uma grande crise econômica e política. É também uma crise de valores, de estilo de vida. Estamos não somente numa época de mudanças, mas numa grande mudança de época. Esta crise poderá ser superada e, mais ainda, poderá ser semente de um mundo novo, somente se aprendermos a viver a espiritualidade do pobre.

Há políticos e economistas que sugerem aumentar os consumos para sair da crise. É um absurdo, um suicídio coletivo. Não dá mais para voltar a consumir como antes; a humanidade e o planeta Terra não agüentam mais a idolatria do consumismo. Estudiosos afirmam que se o consumismo continuar desse jeito, no ano 2050 seriam necessários dois planetas Terra, para satisfazer ao apetite insaciável dos consumistas. Não é mais possível. Queira ou não, teremos que abraçar um novo estilo de vida: “É preciso tomar consciência de que ou nos salvaremos todos juntos como irmãos ou morreremos todos juntos como loucos” dizia Luther King. Sim, isso mesmo: ou aprendemos a partilhar e a viver uma vida sóbria e simples ou a humanidade corre o perigo de voltar ao tempo dos dinossauros. Estudiosos antropólogos afirmam que não há outra saída.

Entremos nas várias Igrejas. Quais são os pedidos que mais se ouvem? Quantos pedem a graça de viver uma vida simples e pobre; sóbria e desapegada, consagrada à causa da justiça, da ética, da vida plena? Imaginemos Jesus de Nazaré, aquele que “não tinha lugar onde repousar a cabeça” (Lc 9,58), que falou ao jovem rico: “Se quer ser perfeito, vá, venda tudo o que tem, dê o dinheiro aos pobres, depois venha, e siga-me” (Mt 19,21), imaginemos, então, Jesus sentado no meio do povo durante uma celebração ou um culto agitado, onde o que mais se fala é pedido de favores, de dinheiro, de riqueza, de prosperidade. Qual seria a sua reação? Sem dúvida, muita indignação. Há abusos demais do santo nome de Jesus.

Imaginemos uma paróquia onde não há espaço para os pobres, para as comunidades, onde tudo está centralizado nas mãos de poucos, onde a superficialidade campeia nas celebrações, nas reuniões, nas relações sociais, onde não se cultiva o silêncio, a escuta, a oração silenciosa e amorosa, com coração de pobre; onde não há espaço para o estudo contemplativo e militante do Evangelho. Imaginemos a sociedade dominada pela idolatria do consumismo, da ambição, da ganância, da corrida desenfreada às emoções, que não sabe cultivar relações personalizadas...

É somente imaginação? Será que não é realidade também? E se é assim, o que é e o que será da humanidade, das religiões, das Igrejas, do mundo?

Quais os chamados, então? É preciso, antes de tudo, tomar consciência de que ser ‘pobre em espírito’ não é coisa de religião, é exigência existencial, é questão de sentido da vida. Trata-se de valorizar, de viver valores autênticos enraizados na cultura dos pobres. E isso é garantia para salvar a humanidade e o planeta.

É preciso fazer crescer a turma dos “pobres em espírito”. É preciso escolher os meios que ajudam nessa grande tarefa e excluir os meios que não servem. Há obras sociais, com grande investimento de dinheiro, que, em lugar de ajudar, dificultam o crescimento dos pobres em espírito. Elas devem deixar-se questionar, sempre.

Somente com muitos e muitos pobres ‘em espírito’, conforme vimos acima, é possível sonhar outro mundo diferente, necessário, urgente. Esta é a grande missão dos que amam a humanidade, dos que querem cuidar do Planeta Terra. Para os discípulos de Jesus Cristo esta missão se torna mais radical e apaixonante, pois temos forças e motivações de sobra. Não dá, de maneira nenhuma, ser discípulo de Jesus Cristo sem ser ‘pobre em espírito’.

Não é nada fácil ser ‘pobre com espírito de pobre’ em um mundo dominado pela ganância e ambição; não é fácil resistir às tentações de culturas consumistas e interesseiras. É preciso muita decisão e convicção, é preciso ir contra-corrente, ser exigente consigo mesmo, pois “O reino do Céu sofre violência, e são os violentos que procuram tomá-lo” (Mt 11,12). Mas a verdadeira felicidade, conforme as palavras de Jesus, está aí, nos pobres em espírito.

Os cristãos têm uma grande riqueza ao seu alcance: reconhecer Jesus Cristo como único Mestre e Senhor, para amá-lo, segui-lo e testemunhá-lo. Jesus Cristo é a pessoa plenamente realizada, é o ‘pobre em espírito’ no grau máximo. É essa sua pobreza que nos enriquece, como afirma o apóstolo Paulo (2Cor 8,9). Seguir a Jesus Cristo, ‘tendo em nós seus

mesmos sentimentos' (Fl 2,5), é a grande graça, que nos possibilita ser pobres em espírito, ser pessoas verdadeiras, pessoas ecológicas, geradoras de uma nova humanidade. Os 'pobres em espírito' são a grande riqueza da humanidade, porque o Reino de Deus, esse mundo tão bonito, como vimos acima, é deles e são eles os verdadeiros construtores.

Precisamos, todos, resgatar e vivenciar a identidade de pobre, com seus grandes valores que enriquecem. Aparecida convida a esse resgate, quando fala, por exemplo, dos povos indígenas e afro-americanos (DA 88-97, especialmente 92-93); ou dos pobres em geral (DA 398). Mas isso é chamado urgente para todos. Esta é a missão, que Aparecida quer levar a todo o Continente. Esta é a única saída para um mundo diferente, mais humano e mais habitável.

### **13. As Santas Missões Populares: uma oportunidade fantástica para formar muitos “pobres em espírito”.**

Se o ser pobre 'em espírito' é tão urgente para a salvação da humanidade e do planeta, então, precisamos trabalhar e cuidar para que eles cresçam cada vez mais, em quantidade e qualidade. No fundo, evangelizar é isso; e fazer pastoral significa encontrar aqueles instrumentos que mais podem ajudar nesta tarefa urgente.

Pelas experiências cremos que as SMP, quando bem entendidas e bem vividas, são, entre outros, um instrumento válido, uma oportunidade fantástica para gerar multidões de 'pobres em espírito'. Vários fatores o confirmam:

- a) A característica popular das SMP. Elas mergulham nos valores do povo, cuidam para resgatar as riquezas do mundo dos pobres. Há testemunhos e experiências belíssimos a respeito.
- b) As pessoas se sentem à vontade, gostam imensamente desta convivência popular. Cresce e se fortalece a beleza das pequenas comunidades eclesiais, onde todo mundo se sente sujeito, acolhido e valorizado.
- c) As SMP desejam ajudar as pessoas, através de relações personalizadas e fraternas, a dar um sentido verdadeiro à vida, portanto elas são ecumênicas, abertas.
- d) Cultivam a unidade na diversidade. Juntam valores e dons.
- e) Nas SMP se sente a presença carinhosa e libertadora de Deus em tudo, nas visitas, nas celebrações, nos mutirões, na escuta, nas celebrações, nas vigílias de oração, nas horas alegres e de dor.
- f) O estudo do Evangelho, feito com coração de discípulo (a), faz crescer o gosto de ser seguidor/ a de Jesus Cristo.
- g) Nas SMP ninguém se sente um estranho, um isolado ou um excluído. Tem lugar para todos, todos são convidados a partilhar dons, alegrias e preocupações.
- h) O estilo das SMP possibilita encontro entre gerações, um diálogo que enriquece e que encanta. Todo mundo se sente sujeito neste processo: crianças, adolescentes, jovens, adultos, idosos, enfermos, empregados, desempregados. Desencadeia solidariedade, partilha, entre-ajuda.
- i) Todos estão convidados a segurar a bandeira da ética, da cidadania, da vida e da dignidade para todos.

- j) As SMP são uma grande ocasião para os que possuem mais a se misturar com os mais pobres, de verdade, sentindo apelos, dores e esperanças.
- k) As SMP deslançam um processo místico popular saudável. Dá um sentido à vida, envolve e transforma.

Realmente, as SMP encantam e libertam, enchem de esperança e fazem caminhar. Mas é preciso vivê-las profundamente, intensamente, totalmente, misticamente.

### **Para concluir e continuar...**

Na década de '60 do século passado apareceu na Europa um livro escrito por um pensador africano, do Senegal, com o título significativo: "Pobreza, a verdadeira riqueza dos pobres". Onde foi parar este livro? No início do século XX, um escritor católico, francês, apaixonado pelo mundo de Jesus Cristo e dos pobres, disse: "Há somente uma tristeza: a de não ser santo" (Bloy). Dado que ser santo é viver uma vida pobre ao estilo de Jesus, podemos traduzir: "Há somente uma tristeza: a de não ser pobre em espírito".

"A pobreza é uma espiritualidade, é uma consciência, é a atitude que nos abre a Deus, é uma disponibilidade a Deus, uma entrega. É o caminho da santidade, ela vai gerar os verdadeiros libertadores do povo. Vocês, irmãos cristãos, na medida que fazem da pobreza uma espiritualidade, vocês se tornam libertadores do nosso povo" (Mons. Oscar Romero, homilia 17/02/1980).

Mons. Romero gostava muito de visitar as comunidades eclesiais de base, nas áreas urbana e rural. Elas eram a força maior da sua arquidiocese, eram repletas de 'pobres em espírito'. Sentia-se fortalecido e agraciado no meio deles. Costumava dizer: "Com esse povo não custa ser um bom pastor". Ele viveu intensamente, e com júbilo interior, a pobreza das bem-aventuranças, colocando toda sua confiança na Trindade Santa. Tornou-se pastor, profeta e mártir, num grau altíssimo, bem próximo de Jesus de Nazaré.

### **Para partilhar e aprofundar**

- 1) O que mais me tocou das reflexões acima? Por que?
- 2) Você conhece pessoas 'pobres em espírito'? Contar algum fato acontecido.
- 3) A pobreza 'em espírito' é urgente para as pessoas, o mundo e a Igreja onde você vive? Que conselhos você gostaria dar a respeito?
- 4) O que gostaria de acrescentar?
- 5) As SMP estão ajudando a cultivar a riqueza dos 'pobres em espírito'? O que elas podem e devem fazer mais?
- 6) Como continuar estas reflexões ao longo dos próximos meses?

**Atenção:** Por ser um texto provisório, pedimos e aceitamos, agradecidos, sugestões e observações.

Belém (PA), Natal 2008.

Pe. Luis Mosconi. E-mail: [mosconi@amazon.com.br](mailto:mosconi@amazon.com.br)

---